



INSTITUTO FEDERAL DA PARAÍBA - IFPB
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS A
DISTÂNCIA

LÚCIA DE FÁTIMA LUNGUINHO DE OLIVEIRA

TOPOS E SUBJETIVIDADE FEMININA EM MARÍLIA ARNAUD E HELENA
PARENTE CUNHA: UMA ABORDAGEM COMPARATIVA

SOUSA - PB,

2018

LÚCIA DE FÁTIMA LUNGUINHO DE OLIVEIRA

**TOPOS E SUBJETIVIDADE FEMININA EM MARÍLIA ARNAUD E HELENA
PARENTE CUNHA: UMA ABORDAGEM COMPARATIVA**

Trabalho apresentado como requisito parcial para a conclusão do Curso de Licenciatura em Letras a Distância do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba Campus Sousa.

Orientadora: Prof^ª. Msc Risonelha de Sousa Lins.

SOUSA - PB,

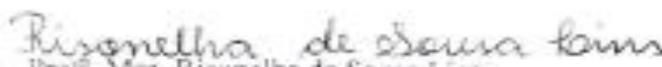
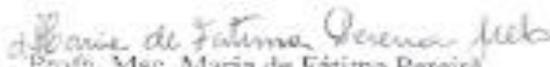
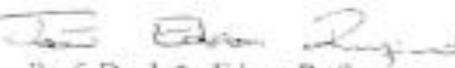
2018



Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba
Coordenação do Curso Superior de Licenciatura em Letras a Distância

CERTIDÃO

Certificamos para fins de direito que o Trabalho de Conclusão do Curso Superior de Licenciatura em Letras a Distância intitulado "TOPOS E SUBJETIVIDADE FEMININA EM MARÍLIA ARNAUD E HELENA PARENTE CUNHA: UMA ABORDAGEM COMPARATIVA", de autoria de LÚCIA DE FÁTIMA LUNGUINHO DE OLIVEIRA, foi apresentado perante a Banca Examinadora constituída pelos professores listados abaixo.

- 
1. Prof.^a Msc. Risonelha de Sousa Lins
(Orientadora)
- 
2. Prof.^a Msc. Maria de Fátima Pereira
(Examinadora)
- 
3. Prof. Dr. João Edson Rufino
(Examinador)

João Pessoa, 19 de dezembro de 2018.

Prof. Dr. José Moacir Soares da Costa Filho
Coordenador CLaD

José Moacir S. da Costa Filho
Coordenador do Curso
Lic. em Letras a Distância - CLaD
IFPB-Campus João Pessoa

Dedicatória

Dedico este trabalho a todas as mulheres que, com garra e persistência, conquistaram seu espaço e desempenham um papel importante na sociedade contemporânea. A todas as mulheres guerreiras, que já sofreram abuso sexual e às que batalham por direitos iguais e por uma vida mais digna, sem violência e sem discriminação de gênero.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus que me protege todos os dias e me deu a oportunidade de fazer este curso de Licenciatura em Letras.

Ao meu esposo, que me apóia, incentiva e está sempre do meu lado, torcendo para que tudo dê certo.

A meus filhos, pelo imenso amor que sentem por mim e por representarem a força que me impulsiona a lutar todos os dias pelo melhor.

A minha mãe, que é muito especial para mim, dando-me amor, carinho e ensinamentos durante a minha vida.

A minha irmã Lília, pela ajuda nos momentos difíceis, por me ouvir e ser minha companheira.

A minha sogra, pela amizade e por me ajudar nos momentos em que precisei.

Às minhas colegas de turma Sayonara, Rejane, Janailda e Marcionila, que enfrentaram junto comigo as dificuldades no decorrer do curso. Agradeço pelo companheirismo, pela ajuda, pela atenção e pela amizade construída.

Aos familiares e amigos que me apoiam e me incentivam nos momentos difíceis.

Aos meus professores, em especial a Neilson, Jánsen, Rosângela, Risonelha, Moacir e Kelly, pela dedicação, pelo esforço e por todo o conhecimento transmitido no decorrer do curso de Letras.

À minha orientadora e professora Risonelha de Sousa Lins pela orientação e dedicação em ajudar-me a realizar este trabalho da melhor maneira possível.

A todas as pessoas que, de alguma forma, contribuíram para o meu crescimento acadêmico e estiveram presente na minha vida durante esta caminhada.

A todos vocês, meu obrigada!

O fenômeno da violência sexual descolou-se da categoria de atos isolados envolvendo somente a vítima e o ofensor e começou a integrar a questão da construção social do gênero (THOMAS BONNICI, 2007).

TOPOS E SUBJETIVIDADE FEMININA EM MARÍLIA ARNAUD E HELENA PARENTE CUNHA: UMA ABORDAGEM COMPARATIVA

Lúcia de Fátima Lunguinho de Oliveira

Orientadora: Prof^a. Msc Risonelha de Sousa Lins

RESUMO

Este trabalho se pretende investigar os modos de representação do abuso sexual da mulher dentro das relações espaciais e as marcas subjetivas desse tipo de violência na realidade psicossocial do gênero e tem como *corpus* de análise os contos “O homem que veio do sonho”, da escritora paraibana Marília Carneiro Arnaud e “A dívida”, da baiana, Helena Parente Cunha. O percurso metodológico da pesquisa compreende, inicialmente, uma abordagem sobre a representação feminina na literatura e a violência de gênero, percorrendo os estudos que apontam o espaço como agregador de sentidos à existência do sujeito ficcional para, em seguida, verificar as narrativas das escritoras mencionadas. Como orientação teórica, utilizamos Borges Filho (2008), Osman Lins (1976), Bachelard (1989), Zolin (2009). Com essa pesquisa, esperamos fomentar a leitura do universo ficcional dessas escritoras e contribuir com os estudos centrados no espaço literário, analisado como instrumento abrangente de significações dentro donexo espaço e personagem em suas relações de reciprocidade de influências.

Palavras-chave: Espaço, Marília Arnaud, Helena Parente Cunha, subjetividade feminina.

**TOPOS FEMININE DEVELOPMENT IN MARÍLIA ARNAUD AND HELENA
PARENTE CUNHA: A COMPARATIVE APPROACH**

Lúcia de Fátima Lunguinho de Oliveira

Orientadora: Prof^a Msc Risonelha de Sousa Lins

ABSTRACT

This work aims to investigate the modes of representation of sexual abuse of women within spatial relationships and the subjective marks of this type of violence in the psychosocial reality of the genre and has as corpus of analysis the tales *The man who came from the dream*, the writer from Paraíba. The methodological course of the research initially includes an approach on female representation in literature and gender violence, traversing the studies that point to space as an aggregator of meanings in the literature existence of the fictional subject to, then check the narratives of the writers mentioned. As a theoretical guide, we use Borges Filho (2008), Osman Lins (1976), Bachelard (1989), Zolin (2009). With this research, we hope to foster the reading of the fictional universe of these writers and contribute to studies centered on literary space, analyzed as comprehensive instrument of meanings within the nexus space and character in their reciprocal relations of influences.

Keywords: Space, Marília Arnaud, Helena Parente Cunha, feminine subjectivity.

SUMÁRIO

1-INTRODUÇÃO.....	10
2- MARÍLIA ARNAUD E HELENA PARENTE CUNHA NO CONTEXTO DA REPRESENTAÇÃO FEMININA NA LITERATURA.....	12
3- A VIOLÊNCIA DE GÊNERO NA LITERATURA.....	14
4- METODOLOGIA.....	16
5- CONFIGURAÇÕES DO ABUSO SEXUAL E SUBJETIVIDADE FEMININA EM MARÍLIA ARNAUD E HELENA PARENTE CUNHA: UMA RELAÇÃO TOPOANALÍTICA.....	16
6- CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	24
7- REFERÊNCIAS	25

TOPOS E SUBJETIVIDADE FEMININA EM MARÍLIA ARNAUD E HELENA PARENTE CUNHA: UMA ABORDAGEM COMPARATIVA

1- INTRODUÇÃO

No campo das análises literárias, a categoria do espaço surge como um dos elementos capazes de agregar informações ao conteúdo narrado, bem como estabelecer as relações sociais, históricas e geográficas dos personagens. Borges Filho (2008) enfatiza que o espaço é um termo mais abrangente do que o conceito de lugar, pois ele engloba todos os objetos, as formas e as relações estabelecidas com os personagens. Desta forma o estudo da obra literária com ênfase no espaço favorece a análise dos significados do conteúdo narrado, enriquecendo a abordagem do produto estético.

De acordo com Barbieri (2009), o espaço ficcional propõe a multiplicidade de informações sobre os personagens, constituindo-se num conceito interdisciplinar que amplia e valoriza a representação estética. Assim, quando as produções literárias abordam temáticas como a violência contra a mulher, principalmente o abuso sexual, pode-se perceber muito mais do que uma ação situada, analisando-se tanto a postura social do agressor e da mulher, quanto seus efeitos na mente da vítima ou os estereótipos motivadores da agressão.

Muito comum na realidade brasileira, a violência de gênero acompanha muitas vezes as relações afetivas e o agressor geralmente faz parte da família ou é conhecido da pessoa agredida, o que dificulta as ações de defesa empreendidas pela vítima. Em todo caso, o que mais choca é o sofrimento que cerca a mulher agredida, impedindo-a de usufruir da realidade presente. Segundo Wânia Pasinato (2011), as agressões representam relações de poder estabelecidas dentro da estrutura social na qual o corpo da mulher é sempre visto como um elemento de controle masculino que pode ser submetido aos desejos do homem.

As mulheres, assim como as crianças, ocuparam na antiguidade uma posição marginal, sendo consideradas incapazes de falar de si mesmas e exigindo um tratamento diferenciado. Porém, com as mudanças socioculturais ocorridas a partir das conquistas empreendidas pelo Feminismo, a voz da mulher passou a ser considerada enquanto representação legítima das problemáticas vivenciadas pelo gênero, inclusive a violência física e simbólica.

Segundo Zolin (2009), a produção literária de autoria feminina não só deu voz à

mulher enquanto sujeito de margem, como também facilitou a ruptura com as formas tradicionais de representação do sujeito feminino até então inserido nos papéis do Patriarcalismo. Diante desse contexto, indagamo-nos de que forma o abuso sexual é representado na obra de autoria feminina e quais as dimensões simbólicas das relações espaciais na representação da subjetividade da mulher.

Lins (2014), analisando a obra *O livro dos Afetos* (2005), da escritora paraibana Marília Carneiro Arnaud, verifica que em um de seus magníficos contos “O homem que veio do sonho”, o abuso sexual surge como elemento desencadeador do drama da personagem, arrastada por sentimentos que modificam seu comportamento e a faz viver totalmente assustada por um drama psicológico, ironicamente, associado a um sonho. Nessa narrativa, espaço e personagem feminina mantêm uma reciprocidade de influências que alargam o sentido da narrativa. Da mesma forma, Helena Parente Cunha aborda no conto “A dívida”, pertencente ao livro *Os provisórios* (1990), os conflitos vivenciados por uma menina de 12 anos que sofre abuso e se sente totalmente envergonhada com a situação constrangedora em que se encontra.

Entre os elementos simbólicos do espaço abordados pelo conto arnaudiano e a dimensão psicológica e social do “doce amargo” assimilado na narrativa de Helena Parente Cunha, este trabalho se pretende investigar os modos de representação do abuso sexual da mulher dentro das relações espaciais e as marcas subjetivas desse tipo de violência na realidade psicossocial do gênero.

A abordagem comparativa realizada nesse estudo tem como objetivos específicos: inserir as produções ficcionais de Marília Arnaud e Helena Parente Cunha no contexto da representação feminina na literatura; verificar a violência de gênero como temática recorrente na literatura; analisar os modos de configurações do abuso sexual e da subjetividade feminina em Marília Arnaud e Helena Parente Cunha por meio da relação entre espaço e personagem.

O percurso metodológico da pesquisa compreende, inicialmente, apresentamos as autoras Marília Carneiro Arnaud e Helena Parente Cunha como representantes femininas na literatura brasileira, a seguir debateremos sobre a violência de gênero na literatura, ressaltando as leis criadas em desfa da mulher, por fim apresentaremos uma abordagem comparativa das narrativas de Marília Arnaud e Helena Parente Cunha dando ênfase as configurações do abuso sexual e a subjetividade feminina presentes nos contos, tomando o espaço e a personagem como instrumento de análise literária.

2- MARÍLIA ARNAUD E HELENA PARENTE CUNHA NO CENÁRIO DA REPRESENTAÇÃO FEMININA NA LITERATURA

Antigamente, o mundo literário pertencia exclusivamente aos homens, assim nos afirma Romanelli (2014). No entanto, essa realidade foi se modificando com o passar dos tempos e as mulheres alcançaram o espaço privilegiado da literatura. Hoje temos em evidência escritoras de nomes bem conhecidos que lutaram por esse reconhecimento no meio literário, são elas: Raquel de Queiroz, Adélia Prado, Ana Maria Machado, Cecília Meireles, Cora Coralina, Clarice Lispector, entre outras.

Neste estudo, daremos destaque a duas grandes escritoras do Nordeste que configuram em suas obras os conflitos e dramas de personagens de modo a prender a atenção do leitor, são elas: Marília Carneiro Arnaud, autora dos livros *Sentimento marginal* (1987); *A menina de Cipango*(1994); *Os campos noturnos do coração* (1997); *O Livro dos Afetos* (2005); *Suíte de Silêncios* (2012); *Salomão, o elefante* (2013); *Memórias rendilhadas: vozes femininas* (2006) e Helena Parente Cunha, ilustre escritora do livro *Os provisórios* (1990).

Marília Carneiro Arnaud nasceu em 1960 em Campina Grande na Paraíba. É formada em Direito pela Universidade Federal da Paraíba. Arnaud é uma escritora que vem abrindo caminho no universo ficcional com uma produção estética de grande valor literário. As obras de suas autorias fazem parte de um universo temático que varia entre contos, crônicas e romances.

Arnaud iniciou sua vida literária escrevendo crônicas para os jornais paraibanos por volta de 1980, e assim passou a ser conhecida como uma grande escritora. Desde seus oito anos de idade cultivava o hábito de escrever, dava-lhe prazer produzir diários, poemas, histórias de aventuras e pequenas peças teatrais que organizava com algumas colegas de infância. Chegando à fase da adolescência, Arnaud tornou-se leitora assídua de clássicos, como: Zola, Balzac, Shakespeare, Eça de Queiroz, entre outros (LINS, 2014).

Essa paraibana foi representante da literatura contemporânea e já recebeu premiação por vários concursos promovidos pela AMPEP, Subsecretaria de Educação da Paraíba e Universidade Federal da Paraíba. Atualmente mora em João Pessoa capital da Paraíba e é analista judiciária no Tribunal Regional do Trabalho da Paraíba, 13ª Região, em João Pessoa (LINS, 2014).

Já Helena Parente Cunha nasceu em Salvador, no Estado da Bahia e, atualmente,

mora no Rio de Janeiro, cidade em que desenvolveu suas principais obras literárias materializadas em livros. Cunha é professora emérita da UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro).

A autora baiana atua com maestria e competência em diversos campos literários que a torna romancista, poetisa, contista, tradutora, pesquisadora, ensaísta e crítica literária. Seus primeiros escritos foram publicados no Suplemento Literário do jornal Estado de São Paulo, na revista Tempo Brasileiro, na Revista Brasileira da Língua e Literatura.

Cunha é autora de grandes obras literárias e possui uma ampla produção bibliográfica que conta com livros de poesia, livros de ficção e contos, como *Os provisórios* (1990) no qual se encontra o conto “A dívida”, ensaios e um livro de literatura infantil: *Marcelo e seus amigos invisíveis* (2003). O livro de contos *Os Provisórios* (1990) é o primeiro volume de ficção (contos) e as três primeiras narrativas foram premiadas num concurso da Secretaria da Educação e Cultura do Paraná.

As narrativas de Cunha apresentam, além da preocupação formal com o texto, a invenção estética correspondente à ausência de pontuação e a fragmentação, marcas decisivas de ruptura com as normas da língua e de reelaboração da linguagem (LIMA, 2014).

Na sociedade em que vivemos a mulher já conquistou grande espaço, mas essa conquista não foi algo simples e o movimento feminista contribuiu muito para isso, exigindo a valorização da mulher e a igualdade de gênero.

Durante anos, as mulheres foram totalmente dominadas e submissas aos homens, assumindo, no casamento, o papel passivo de dona do lar, mãe e esposa. Giddens (2005, p.107) ressalta que “em quase todas as culturas, as mulheres carregam a responsabilidade principal de cuidar das crianças e do trabalho doméstico, enquanto os homens, tradicionalmente, nascem com a responsabilidade de sustentar a família”. Essa função as confinava ao lar, privando-as do saber escolarizado e de tantos outros. Quando as mulheres passaram a estudar e a fazer seus primeiros escritos foram oprimidas mais uma vez e suas obras comparadas a dos homens eram vistas com inferiores. Segundo Bonnici e Zolin:

Ao longo da história, as mulheres tiveram suas produções analisadas com base numa hierarquia sociocultural de base sexista, que considerava a capacidade intelectual feminina inferior à masculina, por estar o sujeito mulher associado ao espaço restrito do lar e às funções da maternidade. Com o tempo, as mulheres, motivadas pelas lutas feministas, reagiram contra o fato de a escrita de mulheres ser julgada, não pelo seu

valor estético de literatura, mas pelas posições preconceituosas que marcavam o discurso patriarcal e promoveram a revalorização da escrita feminina, criando um novo espaço onde as mulheres puderam refletir uma visão própria de si e do mundo, ganhando respeito dentro de um universo quase que exclusivamente representado por homens (BONNICI e ZOLIN, apud LINS, 2014, p. 26).

De acordo com a citação anterior, observamos que, apesar das dificuldades, algumas mulheres conseguiram produzir textos literários, a dificuldade estava agora, portanto, em publicá-los.

Romanelli (2014) afirma que a inclusão da mulher no universo letrado foi difícil. Elas tiveram que vencer muitos preconceitos, pois a produção feminina não só era desvalorizada como a posição de escritora era associada a um comportamento masculinizado do gênero.

Sob essa perspectiva, no tópico seguinte discutiremos sobre a violência de gênero na literatura, apresentando os comportamentos do homem e da mulher na sociedade patriarcal, as leis que foram criadas em defesa da mulher e a literatura de autoria feminina.

3- A VIOLÊNCIA DE GÊNERO NA LITERATURA

O domínio da mulher pelo homem na sociedade patriarcal representava a estabilidade da família. Assim, no relacionamento homem-mulher muitos atos de violência eram considerados necessários para “dominar” as tendências rebeldes das mulheres e garantir a supremacia do poder masculino. Bonnici (2007) ressalta que a violência física ou simbólica fazia parte da desigualdade entre os gêneros e que esse fenômeno só passou a ser considerado crime, depois de muitas manifestações do Movimento Feminista contra os crimes sexuais.

Gomes (2013) afirma que esses comportamentos agressivos estão representados em muitas produções ficcionais, principalmente naquelas produzidas no século XIX e demonstravam padrões de confinamento e disciplina dos comportamentos inadequados das mulheres. Vistos, no geral, pela ótica da sociedade patriarcal, esses atos eram banalizados e até valorizados como garantia da honra masculina. Assim, coloca Gomes:

Na literatura brasileira, há diversos registros de violência contra a mulher associados aos comportamentos próprios de uma sociedade patriarcaltradicional. De diferentes formas, a postura do agressor é representada como parte de uma cultura dominante, por isso incorporada aos padrões sociais disciplinadores. Desde o século XIX, a literatura registra tanto as sutilezas como o horror da violência física e simbólica que

sustentam a dominação masculina. Do término do casamento ao assassinato brutal da mulher, a honra do patriarca dá sustentação à barbárie (GOMES, 2013, p. 2).

Na literatura, a violência contra a mulher se apresenta quase sempre por meio de um homem, seja ele marido, parente próximo da vítima ou até mesmo um desconhecido. O homem se sente autossuficiente e deseja controlar a mulher em tudo, fazendo-a submissa e temente a ele, negando assim seu direito a liberdade. Por vezes, as mulheres sentem-se amedrontadas e se apavoram no espaço de tal situação de dominação, sujeitando-se aos caprichos masculinos dos quais são submetidas.

Apesar dos avanços e das leis criadas em favor da mulher, a violência feminina ocorre em todas as partes do mundo e atinge todas as classes sociais. As mulheres vítimas de ações agressivas e violentas, sejam elas físicas ou emocionais, sofrem transtornos psicológicos que afetam diretamente a sua vida em sociedade.

No campo social, a punição masculina é uma das saídas para a mudança de paradigma de gênero que está por trás dessa violência. Com isso, destaca-se a importância da Lei Maria da Penha, que busca proteger as mulheres do seu agressor e reverter essa cultura da honra. Ela advém do reconhecimento dos novos valores sociais nos quais a proteção dos direitos da mulher é um dever do Estado. Essa Lei prega o respeito, os direitos da mulher e a igualdade de gênero com o repúdio a qualquer forma de violência, seja simbólica ou física (GOMES, 2013, p. 10).

Nessa perspectiva, percebemos a importância da Lei Maria da Penha para as mulheres em situações de violência doméstica, abuso sexual e agressão física ou verbal. Essa Lei tem o intuito de salvar vidas e amenizar o sofrimento de milhares de mulheres de nosso país, contudo muitas vítimas se envergonham, se sentem fragilizadas por medo das ameaças usadas pelo agressor e se calam isso dificulta suas vidas e muitas vezes agrava a situação que pode passar de uma agressão física para a morte.

Apesar dos avanços e das conquistas femininas, a sociedade brasileira vive uma epidemia de violência contra a mulher. Mesmo com a sanção da Lei Maria da Penha, em 2006, o Estado ainda não consegue garantir o direito de liberdade de mulheres ameaçadas por seus companheiros. Por isso, o homicídio de mulheres, o femicídio, continua sendo um dos crimes que mais nos assusta na contemporaneidade. Entre violências físicas e simbólicas, ele continua sendo marcado, quase sempre, pelo horror com que o homem elimina sua companheira, após o término de uma relação. Trata-se de um crime passionai que nasce na tênue fronteira entre a integridade da mulher e sua sujeição ao companheiro (SAFFIOTI, apud GOMES, 2013, p. 2).

Cabe ressaltar que, inúmeros crimes de homicídio relacionados à violência de gênero continuam acontecendo com frequência em nossa sociedade. Esse é um dos crimes mais bárbaros, pois retira do outro o que há de mais importante: a vida. Apesar

das leis e punições decorrentes delas os números de crimes não diminuíram como o esperado e os motivos para tal ato são muitas das vezes fúteis e banais: impulso ou raiva, contrariedades desejo de posse e, o mais comum, ciúmes. Gomes (2013) vem nos mostrar que a ficção enfatiza a violência como consequência da falta de habilidade do homem que se recusa a aceitar a independência da mulher que almeja sua evolução no meio social e busca mudanças inovadoras.

Zinani e Polesso (2010) destacam a importância de se debater a violência aplicada à subjetividade feminina numa sociedade de arranjos patriarcais. E essa é, de fato, uma questão que merece bastante atenção e estudos mais aprofundados.

Segundo Gomes (2013) a literatura de autoria feminina discute os diferentes tipos de violência física e simbólica contra a mulher, repudiando a dominação masculina. Com a propagação do feminismo, no ano de 1970, a violência contra a mulher vem a ser apresentada como tema da literatura de autoria feminina. Nem todas as escritoras literárias retratam em suas obras a questão da violência de gênero, mas esse tema ganhou mais visibilidade com inserção das mulheres no meio literário. A literatura apresenta um olhar revelador a respeito da violência contra a mulher quando a escritora passa a se interessar por esse crime e faz publicações de escritos com situações não tão distantes da realidade.

4- METODOLOGIA

O estudo insere-se nos estudos das pesquisas qualitativas e compreende a crítica de conteúdo das narrativas brasileira “O homem que veio do sonho” de Marília Arnaud e “A dívida” de Helena Parente Cunha, tomando espaço e personagem como categorias de análise. Gonsalves (2003, p. 68) relata que, “a pesquisa qualitativa preocupa-se com a compreensão, com a interpretação do fenômeno, considerando o significado que os outros dão às suas práticas, o que impõe ao pesquisador uma abordagem hermenêutica”.

A pesquisa realizada está fundamentada em obras de diversos autores, entre eles destaque primeiro os principais: Marília Arnaud (2005) e Helena Parente Cunha (1990). Além de Lins (2014), Lima (2015), Romanelli (2014), Zolin (2009), entre outros que serviram de aporte teórico para o desenvolvimento desse estudo.

5- CONFIGURAÇÕES DO ABUSO SEXUAL E SUBJETIVIDADE FEMININA NA NARRATIVA DE MARÍLIA ARNAUD E HELENA PARENTE CUNHA: UMA RELAÇÃO TOPOANALÍTICA

A narrativa “O homem que veio do sonho”, pertence à obra *O livro dos afetos* (2005), da paraibana Marília Carneiro Arnaud e narra a história de Dalila, uma garota de quatorze anos que passa a viver aterrorizada depois de um episódio de abuso sexual. A garota vive em estado de choque, não conseguindo se desfazer das impressões sensoriais, acarretadas pelo toque indesejado do jardineiro de sua casa.

Lins (2014) observa que, nos elementos espaciais nos quais se concentra o pseudossonho da personagem, estão as marcas psicológicas do abuso e são esses “elementos que a representam no texto: pomba, lírio, erva, terra, vocábulos de sentidos desdobráveis no texto [...] (LINS, 2014, p. 94). Esses elementos, inseridos no contexto e no espaço do abuso, retratam não só o intenso sofrimento da personagem, como também o percurso do agressor que se arrasta como serpente em direção à vítima.

Provavelmente entorpecida durante os abusos, a jovem Dalila não se detém nos fatos em si, mas na horrível sensação que fica marcada na sua pele, na audição e na percepção angustiada do desamparo dentro da própria casa.

Bachelard (1989) considera que, apesar de a casa ser o universo das primeiras e mais íntimas emoções, pode comportar sensações-limite capazes de promover o sofrimento do indivíduo. Assim, comporta-se Dalila, pois esse lugar de proteção também é o espaço desencadeador do seu drama:

Desordenadamente, e em meio a um choro agitado, Dalila falou sobre o pesadelo de meses atrás, do homem que a molestara e de como se vera atormentada por ele nos dias que se seguiram àquela noite. A mãe procurou animá-la, convencida de que aquele com quem falara àquela manhã para arrumar seu jardim não poderia ser o mesmo que assustara Dalila em sonho (ARNAUD, 2005, p. 64-65).

Nota-se que a jovem apresenta uma fragilidade emocional, comprovada pelo choro incontrolado e a busca desesperada pelo apoio da mãe. O efeito da violência é tão intenso na mente de Dalila que as impressões sensoriais acabam dominando por completo os espaços por ela habitados: a escola, a rua, a própria casa. O medo a persegue e, se dormisse, poderia retornar ao sonho e se encontrar naquela situação aterrorizante mais uma vez.

A violência sexual modifica toda a subjetividade da protagonista, ao mesmo

tempo em que modifica suas relações interpessoais e seu comportamento. Nesse sentido, Thomas Bonnici (2007) afirma que, apesar do estupro se configurar como um ato de subjugação do gênero feminino pelo masculino, é um problema que afeta uma série de relações sócio-espaciais. Por essa razão: “o fenômeno da violência sexual descolou-se da categoria de atos isolados envolvendo somente a vítima e o ofensor e começou a integrar a questão da construção social do gênero” (p.261).

A violência contra a mulher, analisada de modo cruel e chocante, chama a atenção para as situações de constrangimento, conflitos e ansiedades vivenciadas pelas mulheres ao longo da história e que foram diluídas e disfarçadas dentro das relações sócio-espaciais de poder.

Apontado por Osman Lins (1976, p.72) como “tudo que, intencionalmente disposto, enquadra a personagem e que, inventariado, tanto pode ser absorvido como acrescentado pela personagem, sucedendo, inclusive, ser constituído por figuras humanas, então coisificadas”, o espaço registra os acontecimentos na mente da personagem e ao mesmo tempo é assimilado por esta num processo de ser e estar no mundo.

O espaço casa liga-se ao drama do espaço-corpo, afetando a imagem da casa como proteção e colocando-a dentro de uma zona de conflito. Para Yi-Fu Tuan (2005, p. 205): “o lar, ainda que seja um refúgio das ameaças externas, não está isento de conflitos”, registrando a troca entre os fatores internos e externos na constituição do sujeito.

Dalila vem perceber que aquilo não era apenas um sonho, elemento ligado ao espaço do quarto, lugar onde sempre acordava somente com partes das roupas. O jardineiro de sua casa, provavelmente, dera-lhe algo para que não se lembrasse de todos os acontecimentos ligados ao abuso.

O jardim é o espaço belo, corrompido pelo jardineiro-ofensor que arranca, revira e mata as ervas do jardim. Esse espaço liga-se diretamente à personagem que, abusada e corrompida em sua inocência, vê a derrubada de sua paz, sua alegria e sua segurança.

Após o último episódio, em que Dalila vira aquele homem, do sonho, no jardim de sua casa, a garota foi esquecendo o ocorrido. Vivia agora tranquila e segura no abrigo de sua casa junto a seus pais e amigos, porém, ao voltar da escola numa tarde chuvosa Dalila “tornou a encontrar, pela última vez, o homem do seu sonho” (ARNAUD, 2005, p. 65). Foi um encontro inevitável, não havia o que fazer para escapar daquela situação e fugir dali. Marília Arnaud (2005) registra o estado de tensão da personagem:

Na descida para casa um terreno baldio, um início de noite. E ele. Estacou

assombrada, um grito amarrado na garganta. O homem aproximou-se, arrastando a perna cambaia. Encaram-se. Dalila, desarmada e sem nenhum gesto. Ele afundando nos cabelos dela as mãos com cheiro de erva apodrecida. (p. 65-66).

O homem consumara seu desejo no corpo de Dalila por meio da violência sexual, causando o homicídio. Do mesmo modo das ervas que morrem nas mãos do jardineiro Dalila perde a vida. Ela é asfixiada, estuprada e morta, depois abandonada como um objeto num espaço de descarte, o terreno baldio. “Encontraram o corpo nu de Dalila na manhã do dia seguinte, marcado por manchas roxas, da boca escorrendo ainda uma espuma cor de rosa”. (ARNAUD, 2005, p. 66).

O drama apresentado nesse conto não se distancia muito da realidade de milhares de mulheres assediadas, abusadas e mortas. Seu corpo é usurpado e violentado pelo desejo do outro, o masculino, visto como lei e significação.

Segundo Lins (2014), o espaço doméstico e o galpão (lugar dos abusos) se juntam para compor o retrato social e psicológico da personagem que se constrói “em torno das percepções [...] do seu entorno, particularizando os sentimentos que a invadem e sua relação com o ofensor” (LINS, 2014, p. 91), ou seja, espaço e personagem mantém uma estreita relação um com o outro, construindo as significações mais profundas a respeito do corpo, elemento significativo na constituição identitária das mulheres.

Portanto, o conto “O homem que veio do sonho”, de Marília Arnaud, nos direciona a um drama social localizado nos limites do confinamento da mulher-corpo-mente e suscita uma reflexão crítica sobre a violência de gênero e sobre o abuso que deixa marcas profundas, não só no corpo, mas também na alma feminina.

Essa mesma temática surge na construção narrativa de Helena Parente Cunha, intitulada “A dívida”. Nesse conto, uma garota é induzida pela amiga a comprar, fiado, uma cocada na confeitaria de Seu Antônio. Aproveitando-se da inocência da jovem, o comerciante a obriga a sentar e a ceder aos atos libidinosos que empreende.

Enredada por uma dívida que nunca pode ser paga, a menina-moça tem seu corpo acariciado contra sua vontade, percorrendo-lhe uma sensação desagradável que a faz confinar-se em casa para não encontrar o proprietário da confeitaria. Era “um estado de ansiedade insuportável a ponto de não poder ir a lugar algum sem pensar no inevitável encontro com aquele homem tiranizador” (CUNHA, 1990, p. 37).

Lima (2014) analisa que a dívida acaba representando a supressão da própria infância, já que se arrasta por dois anos, levando a garota a se transformar no produto a ser consumido:

Dois anos da infância dessa menina são aterrorizados pelo peso da dívida, sobretudo, ainda que sub-repticiamente, pelo constrangimento do ato abusivo deflagrado pelo comerciante, o que a levou a não voltar para pagar o valor da cocada em dinheiro, nem para atender à proposta. A cabeça infantil teme a cobrança da dívida, do valor do produto consumido, teme a exposição da situação ao pai (LIMA, 2014, P. 53).

A personagem se vê diante de um conflito que a atormenta em todos os dias. A vergonha que sentia por ficar devendo ao homem da confeitaria fazia com que ela permitisse os toques e carícias, advindos de uma pulsão sexual descontrolada, que lhe proporcionava uma situação constrangedora:

Envergonhada foi adiando o pagamento encabulada sem coragem de enfrentar o homem sempre deixando para o dia seguinte até compreender que não teria mais cara para voltar lá e a vergonha crescia apesar de se tratar de pouco dinheiro, mas era dívida e dívida se paga e ela não pagou faltando à promessa não cumpriu a palavra. (CUNHA, 1990, P. 37).

Acredita-se que o comerciante elevava o valor da dívida, a fim de abusar da menina. Essa situação assemelha-se à de Dalila que, chantageada pelo jardineiro, suportava seu assédio, representado pelos olhares “de degredo”, “de areia movediça”. Lima revela que:

O que mobiliza o temor é menos a cobrança moral em relação ao valor monetário não pago do que a aversão à invasão e violação perpetradas pelo ato mesmo de propor o aliciamento, a prática pedófila. A menina, no entanto, em sua ingenuidade de criança e pudor moral, não percebe o avesso da teia em que se enreda: possivelmente, seu Antônio temia que a situação viesse à tona, revelando seus desejos pedófilos, sua mente doentia. Nesse caso, o descontentamento com a falta moral dela seria minimizado pela proposta libidinosa do comerciante. O alívio somente ia acontecer com a mudança de cidade (LIMA, 2014, p. 53).

Assim o comerciante garante o silenciamento da garota pela ênfase na falha moral do não pagamento da dívida. A supressão da voz feminina, por conseguinte, garantiria a posição subalterna da mulher e a posição hierarquizada do homem que vitima a mulher.

O motivo que levou a menina a tranquilizar-se foi a transferência do pai para outra cidade. A dívida, enfim, seria esquecida naquele lugar e ela não teria que passar mais pelo constrangimento de suportar as indesejáveis carícias do comerciante. O silêncio da menina e o grito de Dalila marcam posições que limitam o comportamento da mulher com um homem mais velho que a intimidava e que ela obviamente não gostava. Isso, enfim, resolveria o problema dos dois, pois Seu Antônio também sentia medo, ele temia ser descoberto, se a garota abrisse a boca e contasse para o seu pai o que havia feito com

ela, certamente sofreria as punições.

Enquanto Dalila era abusada na própria casa, sem poder ser protegida pela família, a garota de “A dívida” era abusada no espaço da rua. Assim, tanto o espaço público quanto o privado mostram a força das imposições sociais. Dalila é a voz que é silenciada na rua e a garota da narrativa de Cunha, em casa. A primeira, por ousar, é atingida pela morte; a segunda, por assimilar a passividade, embora se frustrasse, é preservada.

Os fatos da narrativa arnaudiana são apresentados em diferentes espaços. Primeiramente a autora revela o espaço do abuso, que amedrontava Dalila a ponto de deixá-la sem reação, como o seguinte trecho do conto nos relata: “Quis levantar-se e correr, mas seus pés pareciam presos a correntes de condenado” (ARNAUD, 2005, p. 59). Diante disso, percebe-se a impotência de Dalila diante da situação em que vivia. Na realidade, o medo gerado pela violência causava essa reação negativa.

A personagem, desconcertada em meio aquele conflito, “tomou consciência de que estava à mercê daquele estranho, e de que, qualquer que fosse sua vontade, o que quisesse dela, estava certa, nada poderia fazer para impedi-lo” (ARNAUD, 2005, p. 61). Após reconhecer sua fragilidade diante daquele homem, Dalila percebeu que estava nua da cintura pra cima e logo pensou ter sido exatamente aquele homem que a trouxera ali e a tivesse despido. Pouco a pouco, Dalila ligava os fatos, mas ainda não compreendia a totalidade daquela situação complexa demais para sua mente.

O olhar silencioso daquele homem de aparência repugnante levava Dalila “para um espaço sem referências de pavor e sofrimento” (ARNAUD, 2005, p. 61), causando-lhe um sentimento horrível de angústia e medo. O homem coxo da perna direita, de mãos grosseiras, de cara ossuda, de nariz de bola, de barba rala e de um fedor insuportável foi espectador de seu sofrimento naquele galpão sombrio. Aquele mesmo homem de desejo brutal, de mente doentia e perversa, sempre presente com um cigarro na boca será no decorrer da narrativa o jardineiro de sua casa, escolhido por sua mãe através de uma indicação de uma amiga.

O galpão em ruínas era um espaço abandonado que causaria temor a muitos por suas características físicas e pelos elementos presentes nele, “havia caixotes, poeira e teias de aranha por toda parte” (ARNAUD, 2005, p. 59). A personagem oprimida na trama se viu em meio a bichos, como: ratos, pombos e uma serpente. “Medo”, “prisioneira daquele lugar”, “cativa de alguma coisa que sabia obscura e imperiosa”, “não tinha ânimo para lutar contra ele” “vergonha e desespero”, “sensação de coisa perdida” são expressões presentes no conto que definem a personagem da narrativa no momento em que se encontrava no galpão abandonado.

Logo após o aprisionamento no espaço do galpão, a adolescente se encontra noutra ambiente assustador, desta vez era o jardim de sua própria casa onde ela transitava todos os dias. Do alto da janela de seu quarto, ela vê o homem de seu sonho que agora vem a se tornar um verdadeiro pesadelo em sua vida, aquele desconhecido havia invadido não apenas o seu sonho, mas também o seu espaço real e só agora ela tomara consciência disso. “Lá estava ele, no jardim de sua própria casa, acorado aos pés de um dos canteiros, o cigarro pendurado no canto da boca, o torso nu e encavado, as imundas mãos fuçando a terra que ela pisava todos os dias” (ARNAUD, 2005, p. 64).

Um terreno baldio foi o ápice mais triste da narrativa. Nesse espaço, a personagem adolescente vê aquele desconhecido novamente e o vê pela última vez, relata Arnaud (2005). É nesse espaço, que se concretiza a violência sexual seguida do estupro e da morte da garota por sufocamento, seu corpo é encontrado por sujeitos indeterminados no dia seguinte.

Além desses três espaços assustadores presentes na narrativa, havia outros espaços que lhe garantia estabilidade. O quarto situado na casa onde a adolescente vive em segurança com seus pais. Esse espaço lhe transmite confiança de que tudo não passara de um sonho, pois a proteção do lar e a presença dos pais lhe asseguravam isso. Outro espaço no qual Dalila se sentia segura ao lado dos colegas era a escola. Apesar de ser um espaço mais amplo, o homem do seu sonho não haveria de aparecer ali com tanta gente presente, mesmo sabendo disso Dalila via traços do homem perverso no agir de seus colegas e no falar de seus professores.

Os fatos narrados no conto “A dívida” se desenvolvem também entre cinco espaços distintos em que se concretizam as ações dos personagens. A cidade é o primeiro espaço apresentado, ela representa a fuga ideal e o esquecimento daquela dívida que já durava dois anos e não deixa de pesar em sua consciência. A rua, a praça e a igreja eram espaços que, no conto, representavam o medo e a insegurança, nesses ambientes a menina poderia encontrar o Senhor da confeitaria a quem ela ficou devendo e poderia ali, naquele espaço público, ser cobrada por uma dívida que muito a envergonhara.

O espaço mais seguro para ela era a sua casa em que estava abrigada sob a proteção de seus pais, porém sua preocupação não diminuía naquele ambiente “mas assim mesmo quando batiam à porta não escapava do medo de que viesse ele zangado para fazer queixa a seu pai” (CUNHA, 1990, p.38). Dessa forma, percebemos que a menina temia a presença do homem em todos os ambientes presentes na narrativa, até naquele que lhe parecia o mais seguro para se refugiar, a sua própria casa.

No conto, vemos também o espaço da escola. A personagem vinha da escola quando sua amiga lhe fez um pedido. A menina não quis aceitar, mas foi induzida por

chantagens da amiga a aceitar o que ela pedia: comprar uma cocada fiado na confeitaria de Seu Antônio. Para a menina, a culpada daquilo tudo foi a colega que lhe incentivou a fazer aquela dívida que a fez sofrer em psicologicamente.

A confeitaria foi o lugar em que a menina sofria abuso sexual por parte do dono do estabelecimento. Em troca de aceitar a compra fiado da cocada, ela sentava em seu colo, permitia que ele a tocasse e o beijava mesmo que aquilo tudo a constrangesse por dentro. Em sua mente infantil, pior do que aquilo era a dívida que ela tinha com ele.

Em sua inocência, a menina não percebia os desejos maliciosos e doentios daquele homem bárbaro, ela não compreendia que o errado e o mais feio não era ela dever, mas ele abusar de sua ingenuidade lhe causando sentimentos de repulsa a um ato que deveria lhe dar prazer.

Nas duas narrativas analisadas anteriormente, as autoras Marília Arnaud e Helena Parente Cunha enfatizam, de modo geral, um espaço em comum que é o espaço psicológico no qual as personagens femininas se percebem abaladas emocionalmente e passam a viver uma vida marcada pela desconfiança, pelo medo e pela insegurança.

6- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos dois contos aqui analisados, o universo feminino é desrespeitado em sua individualidade pela violência sexual e, em ambos, o espaço conjuga os estereótipos que ligam a mulher tanto à condição de objeto de prazer masculino, quanto de sujeito subalterno, oprimido e silenciado pelo poder misógino.

Assim, todos os espaços tanto do conto “O homem que veio do sonho”, de Marília Arnaud quanto “A Dívida”, de Helena Parente Cunha causam uma mistura de sensações profundas e negativas nas personagens femininas, confrontando-as com uma realidade cruel, assustadora e indesejada.

A partir das relações espaço/personagem, verifica-se que, nos dois contos os conflitos, sentimentos e percepções de mundo empreendidos e vividos pela mulher têm relação simbólica com o espaço, conjugando o estado de ser e de viver dentro da lógica do lugar e do tempo com toda a carga física e abstrata que possui.

Este trabalho de análise de dois contos literários que falam a respeito do abuso sexual feminino é, antes de tudo, uma reflexão, empreendida pela voz legítima da mulher, que fala por si mesma dos dramas sociais, históricos e psicológicos sofridos pela mulher,

principalmente por meio da violência sexual.

Observa-se que as escritoras Marília Arnaud e Helena Parente Cunha apresentam semelhanças e diferenças nas propostas de construção de personagens agredidas e, em ambas, os destinos de mulher são perpassados pela repressão masculina que, desrespeitando a alteridade própria da mulher, remete ao sexo como meio de silenciamento.

Enfim, concluímos que a mulher, como sujeito ligado aos princípios culturais sócio-historicamente localizados vive o espaço em sua plenitude, construindo a partir deste e com este sua identidade, influenciando e sendo influenciado por ele.

Vale salientar que esta pesquisa representa apenas uma leitura dos contos dessas duas escritoras contemporâneas, que evidenciam uma grande riqueza ficcional, podendo suscitar grandes e proveitosas leituras, principalmente, a partir do espaço, categoria abrangente e significativa no contexto da estética literária.

REFERÊNCIAS

- ARNAUD, Marília Carneiro. **O Livro dos Afetos**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2005.
- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- BARBIERI, Cláudia. Arquitetura literária: sobre a composição do espaço narrativo. In: BORGES FILHO, Ozíris e BARBOSA Sidney (orgs). *Poéticas do espaço literário*. São Carlos, SP: Claraluz, 2009.
- BORGES FILHO, Ozíris. **Espaço e literatura**: introdução à topoanálise. XI Congresso Internacional da ABRALIC *Tessituras, Interações, Convergências*. USP – São Paulo, 2008.
- CUNHA, Helena Parente. **Os provisórios**. 2. ed. Rio de Janeiro: Antares, 1990.
- GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2005.
- GOMES, Carlos Magno. A violência contra a mulher na literatura brasileira. In DUARTE, Constância Lima *et al.* (orgs.). **Arquivos femininos**: literatura, valores, sentidos. Florianópolis: Mulheres, 2014.
- GOMES, Carlos Magno. **Marcas da violência contra a mulher na literatura**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2013. Disponível em: <http://www.revistadiadorim.lettras.ufrj.br> Acesso em: 21 de novembro de 2018.
- GONSALVES, Elisa Pereira. **Conversas sobre iniciação à pesquisa científica**. 3. ed. Campinas, SP: Editora Alínea, 2003.
- LIMA, Lílian Almeida de Oliveira. **Abuso e repressão**: fibras do mesmo fio na infância das meninas de Helena Parente Cunha. Salvador, BH: UNEB, 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/2316-4018464>. Acesso em: 28 de novembro de 2018.
- LIMA, Lílian Almeida de Oliveira. **Meninas, jovens e velhas**: personagens, tecidas na narrativa de Helena Parente Cunha. Porto Alegre: PUC, 2014.
- LINS, Osman. Lima Barreto e o espaço romanesco. São Paulo: Ática, 1976.
- LINS, Risonelha de Sousa. **Afetos à deriva**: uma leitura dos contos de Marília Arnaud.

Pau dos Ferros, RN: UERN, 2014.

PASINATO, Wânia. **Feminicídios e as mortes de mulheres no Brasil**. Campinas, SP: Cadernos Pagu, 2011.

ROMANELLI Marina. **A representatividade feminina na literatura brasileira contemporânea**. Rio de Janeiro, RJ: UFRJ, 2014.

TUAN, Yi-Fu. **Paisagens do medo**. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

ZINANI, Cecil Jeanine Albert; POLESSO, Natalia Borges. **Da margem: a mulher escritora e a história da literatura**. MÉTIS: História & Cultura, 2010.

ZOLIN, L. O. Literatura de autoria feminina. In: BONNICI & ZOLIN, Lúcia Osana. **Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. 3. ed. Maringá: Eduem, 2009.